



Universidades Lusíada

Antunes, Alexandra Paula de Carvalho, 1971-

Sonho de J. Taborda de Magalhães, projecto de M. Ventura Terra : Colónia da Sineta, Caxias 1910

<http://hdl.handle.net/11067/423>

Metadados

Data de Publicação	2010
Resumo	Existem em Caxias, na Avenida Taborda de Magalhães, duas belas e distintas moradias unifamiliares sobre as quais quase nada se sabia, até 2008, sendo as suas peças desenhadas inéditas e as suas autorias desconhecidas: a "Vivenda Castro" (de Norte Júnior) e a "Colónia da Sineta" (de Ventura Terra). A "Colónia da Sineta" representa a materialização do sonho de João Taborda de Magalhães, surgido em Agosto de 1906, de criar colónias de verão para crianças pobres. Foi, a essa data, iniciada uma subsc...
Palavras Chave	Arquitectura balnear - Portugal - Oeiras, Oeiras (Portugal) - Edifícios, estruturas, etc.
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-FAA] RAL, n. 2 (1.º semestre 2011)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-23T21:28:19Z com informação proveniente do Repositório

ANTUNES, Alexandra de Carvalho (2011). "Sonho de J. Taborda de Magalhães, projecto de M. Ventura Terra: Colónia da Sineta, Caxias, 1910". *Revista Arquitectura Lusíada*, N. 2 (1.º semestre 2011): p. 49-64. ISSN 1647-9009.

SONHO DE J. TABORDA DE MAGALHÃES, PROJECTO DE M. VENTURA TERRA: COLÓNIA DA SINETA, CAXIAS 1910¹

Alexandra de Carvalho Antunes²

RESUMO

Existem em Caxias, na Avenida Taborda de Magalhães, duas belas e distintas moradias unifamiliares sobre as quais quase nada se sabia, até 2008, sendo as suas peças desenhadas inéditas e as suas autorias desconhecidas: a "Vivenda Castro" (de Norte Júnior) e a "Colónia da Sineta" (de Ventura Terra).

A "Colónia da Sineta" representa a materialização do sonho de João Taborda de Magalhães, surgido em Agosto de 1906, de criar colónias de verão para crianças pobres. Foi, a essa data, iniciada uma subscrição, no jornal "Diário de Notícias", que viria a mostrar-se frutuosa. Ao fim de cerca de três anos e meio a iniciativa conseguira amealhar o que seria, aos dias de hoje, a quantia de cerca de cinquenta mil euros.

Os donativos fizeram-se em dinheiro, em materiais de construção e em trabalho. O projecto, não assinado, e até agora desconhecido, foi traçado por Ventura Terra. A construção, iniciada em 1910 e só concluída na década de 1920, foi missão do construtor civil José de Passos Mesquita. A autoria do friso azulejar exterior será de Jorge Collaço, a crer nas palavras do "sineteiro" Taborda de Magalhães.

A distinta edificação, fruto da fusão de forças e de esforços de centenas de pessoas, apresenta-se, actualmente, em extremo risco físico. Asumária análise de estado de conservação exterior, revelou total descaracterização de vãos e de revestimentos e acabamentos, sendo notório o deficiente estado estrutural da centenária "Colónia da Sineta".

Pretende-se, com este artigo, dar a conhecer um pouco da origem do edifício e daqueles que mais directamente se envolveram na sua criação. Mas é nossa intenção, acima de tudo, alertar para o risco que corre e contribuir para a sua merecida, correcta e célere intervenção.

PALAVRAS-CHAVE

Caxias; João Taborda; Taborda de Magalhães; Lagoal; Norte Júnior; Ventura Terra.

ABSTRACT

There are at Caxias, at Avenida Taborda de Magalhães, two beautiful and distinct single-family houses about which almost nothing was known until 2008, being its projects unpublished and unknown its authorship: "Vivenda Castro" (from Norte Júnior) and "Colónia da Sineta" (from Ventura Terra).

The "Colónia da Sineta" represents the materialization of the dream of João Taborda de Magalhães, emerged in August 1906, to create summer camps for poor children. At this time, started a fruitful subscription on the newspaper "Diário de Notícias". Three years and a half later, the initiative gathered the equivalent, nowadays, to around fifty thousand Euros.

The donations were made in cash, building materials and labor. The project, which is

¹ O presente artigo resulta de parte da comunicação "Arquitectura, Construção e Património na I República", apresentada, a 25 de Novembro de 2010, no ciclo de conferências, organizado pela Universidade Lusíada de Lisboa, em comemoração do centenário da implantação da República.

² Doutora em Arquitectura. Professora auxiliar na Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa. Investigadora do Centro GeoBioTec/Universidade de Aveiro e do IHA-FCSH/Universidade Nova de Lisboa. E-mail: apc.antunes@clix.pt

unsigned, and so far unknown, was drawn by Ventura Terra. The constructor was José de Passos Mesquita. The construction began in 1910 and ended in the 1920s. The authorship of the exterior frieze of tiles was Jorge Collaço, believing in the words of the “sineteiro” Taborda de Magalhães.

The distinct building, result of efforts of hundreds of people, is presently in extreme physical risk. A brief analysis of state of conservation of the exterior, revealed total mischaracterization of window-openings, finishes and coatings, and the notorious deficient structural state of the centenarian “Colónia da Sineta”.

It is intended, with this article, to get to know about the creation of the building and the people most directly involved in it. But our intention is, above all, to alert to the extreme risk of the building and to contribute to the proper and expeditious intervention it deserves.

KEY-WORDS

Caxias; João Taborda; Taborda de Magalhães; Lagoal; Norte Júnior; Ventura Terra

NOTA: *Por razões de privacidade da associação proprietária, a APISAL, que queremos a todo o custo preservar, foram suprimidos todos os elementos que permitiriam aceder aos documentos notariais, de arquivo ou de registo predial. Pelo mesmo motivo algumas reproduções de documentos são, deliberadamente, publicadas em baixa resolução.*

1. INTRODUÇÃO

Travámos conhecimento com a “Colónia da Sineta” (Fig. 1) no decurso da realização do “Inventário da Arquitectura de Veraneio do Concelho de Oeiras” (IAVO). Trata-se de um estudo formalmente “concluído” em 2008, depois de quase uma década de reflexão e recolha de elementos.

A edificação foi, então, designada “Casa na Av. Taborda de Magalhães, 5, em Caxias”, correspondendo à ficha IAVO 3.5³.

Logo depois começaram a surgir informações adicionais acerca deste edifício. São disto exemplo diversas designações, tais como: “Colónia da Sineta” (p. ex. no projecto de construção patente no Arquivo Municipal de Oeiras (AMO), de 1910), “colónias escolares de verão” (na “cruzada” encetada, em 1906, por Taborda de Magalhães no “Diário de Notícias” (DN) para a recolha de donativos para a construção da casa) ou “Asilo de Santo António” (instituição a que a propriedade foi doada em 1921). Menos abonatório será o termo “Reformatório de Caxias”, também encontrado em documentação no AMO.

Até 2008, nenhum documento ou peça desenhada havíamos encontrado que pudesse documentar a história da distinta “Colónia da Sineta”.

Em gaveto fronteiro (Av. Taborda de Magalhães, 3) inventariámos outra casa de veraneio, a “Vivenda Castro”⁴ (Fig. 2), tendo sido surpreendidos pelo, até então desconhecido, projecto inicial da autoria de Manuel Joaquim Norte Júnior (1878-1962).

Mais tarde, viemos a verificar a autoria do projecto, não assinado, e também até então desconhecido, da “Colónia da Sineta”: Miguel Ventura Terra (1866-1919).

³ ANTUNES, Alexandra de Carvalho. “A Arquitectura de Veraneio do Concelho de Oeiras, 1860-1925: inventário, estado de conservação e proposta de algumas medidas de salvaguarda”. Tese de Doutoramento em Arquitectura. Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa. Lisboa, 2008. - p. 188-190, 431-433.

⁴ Idem - p. 176-179, 419-421.



Fig. 1 – “Colónia da Sineta”, projecto de M. Ventura Terra, 1910. [Foto ACA, 2008]



Fig. 2 – “Vivenda Castro”, projecto de M. J. Norte Júnior, 1910. [Foto ACA, 2007]

O ano de implantação da República foi generoso com o Lagoal, como então era designada esta zona de Caxias, e em particular com a Avenida Taborda de Magalhães, concedendo-lhe, em “lotes” contíguos (somente separados pela Avenida Croft de Moura), estas duas edificações de extrema qualidade programática. Separa-as da Quinta Real de Caxias, a sul, a Ribeira de Barcarena e duas meras ruas paralelas à Avenida Taborda de Magalhães.

Só mais tarde, na década de 1930, Caxias “receberia” as casas traçadas por Raul Lino.

2. CRIAÇÃO DA “COLÓNIA DA SINETA”

2.1. Os notáveis transmontanos João Taborda de Magalhães e Miguel Ventura Terra e o beirão Alfredo da Cunha

O criador da “Colónia da Sineta” foi João Taborda de Magalhães (Freixo de Espada à Cinta, 1848 – Lisboa, Fev. 1923⁵), “filho de Joaquim Maria Esteves Taborda, natural de Freixo de Espada à Cinta, districto de Bragança — rua dos Grillos, n.º 52”⁶. Formou-se em Direito, em Coimbra, no ano de 1873⁷, aos 25 anos de idade.

Nesse ano, terminaram o mesmo curso, entre outros: o poeta Guerra Junqueiro, Alberto de Moraes Carvalho (que viria a ser ministro, par do Reino e conselheiro de estado), Artur Fevereiro (que viria a ser director-geral dos Negócios Políticos do Ministério do Reino), Fernando Pereira Palha (que viria a ser deputado e presidente da Câmara Municipal de Lisboa), Francisco Maria da Veiga (“o célebre juiz Veiga”, que viria a ser juiz de instrução Criminal de Lisboa), Gonçalo Pereira da Silva de Souza e Menezes (que viria a ser conde de Breiandes e presidente da Câmara dos Pares), José Borges Pacheco Pereira (que viria a ser deputado da Nação), José Joaquim de Castro Feijó (que viria a ser distinto advogado em Ponte de Lima), José Joaquim de Sousa Cavalheiro (que viria a ser ajudante do Procurador da Coroa), João Penha de Oliveira Fortuna (o poeta, que viria a ser advogado em Braga), José Joaquim Pinto (“o Pinto Lambaça”, que viria a ser conservador do Registo Predial de Resende e “juiz de Direito”), José Manuel Neto Parra (que viria a ser juiz municipal no julgado de Freixo de Espada à Cinta), António Cabral (que viria a ser Delegado do Procurador Régio na comarca de Moncorvo)⁸ e ainda Alfredo da Cunha⁹ (escritor e poeta que viria a ser o director do Diário de Notícias).

⁵ CABRAL, António. “O talento e os desvarios de Guerra Junqueiro”. Lisboa, Livraria Portugália, 1942. - p. 42.

⁶ “Anuario da Universidade de Coimbra no anno lectivo de 1872 a 1873”. Coimbra. - p. 149.

⁷ CABRAL, António. “O talento...” - p. 42.

⁸ CABRAL, António. “O talento...” - p. 39-40.

⁹ MATOS, Sérgio Campos. “Historiografia e memória nacional no Portugal do século XIX (1846-1898)”. Edições Colibri, 1998. - p. 324.

O ambiente académico de Coimbra foi determinante para o futuro do jovem Taborda de Magalhães, descendente de uma família da média burguesia transmontana.

“O Tabordinha” participava nas actividades de seus pares, como as “poesias zombeteiras” ou peças de teatro¹⁰. António Cabral, seu contemporâneo em Coimbra, apesar de bastante mais novo, descreve “João Taborda, o Tabordinha”: “tão inteligente e tão engraçado, mas, ao mesmo passo, tão pequenino que mais parecia uma criança de pouca idade e mingudadíssimo desenvolvimento, do que um homem às direitas, como era”¹¹.

Rocha Martins veio reforçar a ideia, já formada, quer do físico quer do carácter, de João Taborda de Magalhães: “o dr. Tabordinha, (...) juiz João Taborda de Magalhães, tão célebre por sua deminuta estatura como por seu avultado espírito (...) era um corifeu da Havaneza do Chiado; (...) foi condiscípulo de Teófilo Braga, tratavam-se por tu (...)”¹².

Aliás o próprio escrevia, numa carta publicada no DN, sem perder o seu costumeiro bom humor: “eu também não gosto nem da minha figura nem do meu feitio. A culpa de assim ser tem-na a natureza, que assim me fez”¹³.

Taborda de Magalhães foi “(meretíssimo) ajudante do Procurador Regio da Relação de Lisboa”¹⁴, “ajudante do Procurador Geral da Corôa e Fazenda”¹⁵, “desembargador do Tribunal da Relação de Lisboa”¹⁶ e “desembargador da Relação da República”¹⁷.

O criador da “Colónia da Sineta”, um homem proeminente, amigo e conhecido de muitos outros, homens e mulheres, importantes do seu tempo, não casou nem deixou descendência. Viveu por largos anos em Lisboa, no “Páteo do Tijolo, 7”, junto ao Príncipe Real. À sua casa chamava de modo brincalhão “Rincão do Páteo do Tejolo”¹⁸ ou simplesmente “Rincão”¹⁹.

Apesar de, já em 1910, ter sido atribuído o seu nome à Avenida de Caxias em que “sonhou” construir a “Colónia da Sineta”, nunca terá habitado naquele lugar. Aliás, nos tempos de vilegiatura, era um ocasional frequentador dos “banhos do sr. Vianna, no Estoril”²⁰, conforme relata em carta, enviada ao seu amigo Alfredo Cunha, então director do Jornal Diário de Notícias, e neste diário publicada.

Desconhecemos as suas feições. Do seu punho dispomos de um requerimento (Fig. 7) que revela que, em 1910, aos 62 anos de idade, a sua grafia era ainda bem vigorosa e harmoniosa (Fig. 3a). Em 1921, tendo 73 anos, a sua trémula assinatura (Fig. 3b) evidenciava já o seu debilitado estado de saúde.

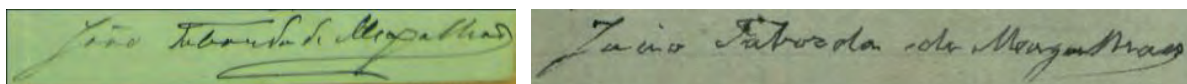


Fig. 3 – Assinatura de João Taborda de Magalhães em 1910 e em 1921.
[Fontes: AMO e ADL/ANTT, respectivamente]

¹⁰ CABRAL, António. “O talento...” - p. 40-41.

¹¹ CABRAL, António. “O talento...” - p. 41-42.

¹² MARTINS, Rocha. “Lisboa de ontem e de hoje”. Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1945 - p. 57.

¹³ DN, 05-09-1906.

¹⁴ DN, 02-09-1906.

¹⁵ Requerimento constante do Processo de Obra, 1910, consultado no AMO.

¹⁶ CABRAL, António. “O talento...” - p. 40.

¹⁷ ADL/ANTT- “Escritura de Doação à Associação Protectora da Infância – Azilo Oficina Santo António de Lisboa”, 1921.

¹⁸ DN, 19-10-1906, entre outros.

¹⁹ DN, 24-02-1909, entre outros.

²⁰ DN, 17-09-1906.

Registamos as palavras do amigo António Cabral, em 1945, acerca do final da sua vida: “Ainda me lembro, com pesar, da visita que lhe fiz, no Páteo do Tejolo, onde ele morava, poucos dias antes de o levar a morte, em Fevereiro de 1923”²¹.

O “capricho bem intencionado”²² de Taborda de Magalhães teve como aliados dois outros notáveis: Alfredo Carneiro da Cunha (Fundão, 21-12-1863²³ – Lisboa, 1942) (Fig. 4), ou simplesmente Alfredo da Cunha, como ficou conhecido; e o arquitecto transmontano Miguel Ventura Terra, autor do projecto da edificação (Seixas, Caminha, 14-07-1866 - Lisboa, 30-04-1919) (Fig. 5).



Fig. 4 – Alfredo da Cunha (1863-1942).
[In “Brasil-Portugal”, n.º 144, 16 Jan. 1905, p. 764]



Fig. 5 – M. Norte Júnior (1866-1919) [In “Ilustração Portuguesa”, II Série, n.º 690, 12 Maio 1919, p. 378]

Alfredo da Cunha, escritor e poeta de reconhecidos méritos, foi companheiro de curso de Taborda de Magalhães, em Coimbra. Mais tarde “tornou-se jornalista e director do Diário de Notícias”²⁴. Foi nesta função que desempenhou o importante papel de parceiro de Taborda de Magalhães, aliás “João Taborda” (como este assinava a essa data), no lançamento da “cruzada” das “colónias escolares de Verão” - iniciada em Agosto de 1906.

Alfredo da Cunha foi um dos protagonistas de um “vergonhoso” “crime de amor” dos tempos da I República. Casou com Maria Adelaide Coelho da Cunha, filha do fundador do Diário de Notícias – José Eduardo Coelho – e uma das herdeiras do conde de S. Marçal²⁵. Em 1892 nasceu um filho, o único no consórcio. O “crime” ocorreu em Novembro de 1918 quando, aos 49 de idade, Maria Adelaide “se apaixonou e fugiu (...) com o motorista da casa”²⁶.

A propósito do “crime de amor” e de como Alfredo da Cunha terá reagido muito se escreveu. Recusou-se a “aceitar” o divórcio, conseguiu interditar a mulher (alegando esta estar louca) e tornou-se, recorrendo a vias judiciais, seu tutor. Consta que o principal objectivo era evitar a divisão patrimonial.

Agustina Bessa Luís refere que “o doutor Alfredo da Cunha, [era] um rapaz do Fundão que não era rico mas tinha talento”²⁷, resumindo “parece que ... não era um homem interessante”²⁸.

Seja como for, a importância do director do Diário de Notícias na criação da “Colónia da Sineta” é indiscutível - apoiou, desde o primeiro momento os esforços do seu amigo dos tempos de estudante, conforme se expressa no ponto 2.2, infra. E para gizar a Colónia eis

²¹ CABRAL, António. “O talento...” - p. 42.

²² ADL/ANTT- “Escritura de Doação à Associação Protectora da Infância – Azilo Oficina Santo António de Lisboa”, 1921.

²³ “Boletim da Academia das Ciências de Lisboa”. Lisboa, 1963. – p. 353.

²⁴ MATOS, Sérgio Campos. “Historiografia e memória nacional no Portugal do século XIX (1846-1898)”. Edições Colibri, 1998. - p. 324.

²⁵ GARNEL, Maria Rita Lino. “Vítimas e violências na Lisboa da I República”. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2007 – p. 217.

²⁶ GARNEL, Maria Rita Lino. “Vítimas e ...” – p. 217.

²⁷ BESSA-LUÍS, Agustina. “Doidos e Amantes: romance”. Guimarães Editores, 2005. – p. 67.

²⁸ BESSA-LUÍS, Agustina. “Doidos e ...” – p. 32.

que surgiu M. Ventura Terra. Sobre este arquitecto de referência pouco temos a acrescentar. Confirmámos, a partir da “Escritura de Doação à Associação Protectora da Infância – Azilo Oficina Santo António de Lisboa”, de 1921²⁹, que o traço foi seu. As peças desenhadas consultadas, no AMO, não estão assinadas.

2.2. A “cruzada” das “colónias escolares de Verão”, iniciada em 1906

A 14 de Agosto de 1906, Taborda de Magalhães enviou uma carta ao jornal “Diário de Notícias”, desde 1905 dirigido pelo seu amigo e companheiro dos tempos de Coimbra Alfredo da Cunha. Nesta carta designada “Uma idéa generosa” mostrava-se determinado a dar início à que viria a ser conhecida como “Subscrição para o estabelecimento de colónias de verão para creanças pobres”.

Conforme Alfredo da Cunha,

“(…) tratava-se de advogar a iniciativa do estabelecimento, entre nós, de colónias de verão para creanças pobres e definhadas pelo mau ar que respiram e pela má alimentação”.

Applaudimos com o maior entusiasmo esta generosa idéa e á disposição dos iniciadores fica o nosso modesto concurso e a propaganda que este jornal possa fazer no sentido de dar realisação pratica à aspiração do sr. Dr. João Taborda, despertada pela leitura d’uma Chronica de Madrid da nossa illustre collaboradora Caïel.

Agora sabemos, com a maior satisfação, que, entre muitas pessoas a quem a carta do sr. dr. João Taborda interessou e commoveu, uma há, e abonada, que lhe prometeu a quantia de 100\$000 réis, para aquelle fim.

Com a primeira importância offerecida por aquelle cavalheiro e com a da pessoa que lhe fez já a valiosa promessa a que acima alludimos, abre hoje o Diario de Noticias a subscrição, que tem mais de três subscriptores a reforçal-a, conforme em seguida indicamos.

SUBSCRIPÇÃO PARA O ESTABELECIMENTO DE COLÓNIAS DE VERÃO PARA CREENÇAS POBRES

Do sr. Dr. João Taborda: 10\$000; De uma pessoa das relações do mesmo cavalheiro:

100\$000; De A. da C.: 10\$000; De M.A.C. da C. 10\$000; De J.E.C. da C. 5\$000.

Somma: 135\$000”.

E assim nasceu o pecúlio das “colónias de verão para creanças pobres”, com cento e trinta e cinco mil réis, o que equivale, aos dias de hoje a cerca de 2680 Euros (Tabela I). Recorremos à Portaria, de 2010, “que actualiza os coeficientes de desvalorização da moeda”³⁰: os coeficientes a aplicar são de 3980,20, para valores de 1904 a 1910.

De acordo com o DN de 18 de Março de 1910, a essa data o fundo para a construção da edificação ascendia a 2524\$015 (dois milhões quinhentos e vinte e quatro mil réis), cerca de 12,589 Euros. Aplicando o coeficiente de desvalorização antes referido (3980,20), podemos afirmar que, entre Setembro de 1906 e Março de 1910, da “cruzada” do dr. João Taborda resultou uma quantia que seria, aos dias de hoje (2010), de cerca de 50109 Euros.

Muitos são os pormenores desta “subscrição” que podíamos aqui expor, bem como a longa lista de “subscriptores” – muitos deles ocultando-se em iniciais. Reservamos estes elementos para outra ocasião.

O apoio à “idéa generosa” não se esgotou em donativos em numerário. Durante o primeiro mês da iniciativa, e ao longo dos anos seguintes, já o seu mentor referia, em carta dirigida a Alfredo da Cunha e publicada no DN: “o nosso distinto pintor Collaço prometeu concorrer para o engrandecimento da nossa cruzada. A seu tempo darei conta da sua oferta, que muito agradeço”³¹. Consideramos, por este motivo, que poderá ser Jorge Collaço (Tânger, 26-02-1868 - Caxias, 23-08-1942) o autor do friso azulejar que embeleza a casa traçada por Ventura Terra.

²⁹ Consultada no ADL/ANTT.

³⁰ “Portaria n.º 785/2010”, de 23 de Agosto, Série I, n.º163.

³¹ DN, 18-09-1906.

Tabela I – Progresso da “subscrição para as colónias escolares de verão” ou “Colónia da Sineta”, segundo parcelas publicadas no “Diário de Notícias” entre 29-08-1906 e 18-03-1910.

(a) de acordo com os valores parcelares dos donativos, registados no DN, entre Setembro de 1906 e Março de 1910;

(b) aplicando o coeficiente de desvalorização da moeda, actualizado pela “Portaria n.º 785/2010”, de 23 de Agosto, Série I, n.º163.

<i>Data</i>	<i>Meses completos de “subscrição”</i>	<i>“somma”, em mil réis (a)</i>	<i>Em 2010, seriam, em Euros (b)</i>
29-Ago-1906		135,000	2.680,18 €
12-Set-1906		217,200	4.312,11 €
18-Set-1906		237,300	4.711,15 €
30-Set-1906	1	287,020	5.698,25 €
31-Out-1906	2	287,020	5.698,25 €
2-Dez-1906	3	408,435	8.108,72 €
3-Abr-1907	7	496,000	9.847,16 €
17-Jul-1907		545,925	10.838,33 €
15-Nov-1907	14	1116,100	22.158,11 €
17-Set-1908	24	1407,080	27.934,98 €
30-Out-1908	25	1555,820	30.887,93 €
1-Mar-1909		1808,060	35.895,69 €
5-Mai-1909		1895,890	37.639,40 €
5-Set-1909	36	2104,380	41.778,58 €
6-Out-1909		2166,045	43.002,82 €
5-Dez-1909		2239,220	44.455,58 €
18-Mar-1910	41	2524,015	50.109,66 €

Desde 24 Novembro de 1907, as cartas passaram a ser dirigidas ao administrador João Pereira, outro amigo do mentor das Colónias. A correspondência com o jornal manteve-se, agora com o novo interlocutor.

A 5 de Setembro de 1909, em carta dirigida a João Pereira, Taborda de Magalhães, como de costume assinando “João Taborda”, mostra-se muito optimista:

“(…) Cada vez estou mais na minha – não é preciso pedir – basta saber ter paciência para receber (...)

As madeiras, tijolos, telhas, vidros e o mais que preciso, ainda não principiaram, mas tenho fé que um dia venham.

Já um amigo velho o José Collen, me disse qualquer coisa de bom agoiro.

Esperemos e veremos.

Para a porta da rua, que um amigo de meu caro Ventura Terra lhe ofereceu, já tenho aldrabas e mais petrechos de metal amarello, e de velho estilo portuguez e mais outras coisas para uma tantas portas interiores, que um distincto cinzelador me ofereceu.

Já não falta tudo para tapar a miséria em que ainda ando.

Bem hajam os meus benfeitores, que me ajudam muito com o que me dão e mais ainda com o exemplo que outros irão imitando (...)³²

A designação “Colónias Escolares da Sineta” terá surgido na sequência de uma brincadeira de Taborda de Magalhães, sendo mais tarde simplificada para “Colónia da Sineta”. Em Julho de 1907, escrevia “De Lourenço Marques também um bom amigo me mandou dois mil e quinhentos, porque lá tão longe chegou o baque da minha sineta³³. Ou mais tarde, já em Dezembro de 1909: “Caro João Pereira, já dirias, e com razão! – que ou morreu o sineteiro,

³² DN, 05-09-1909.

³³ DN, 17-07-1907.

ou se lhe quebrou a sineta, (...)”³⁴, aludindo à inexistência de notícias suas.

2.3. Requerimento da licença de “construção” da “Colónia da Sineta”, 1910

O sonho de Taborda de Magalhães começou a tornar-se real quando este submeteu o projecto à Câmara de Oeiras, 1910. A edificação da “Colónia da Sineta, fundada em 1909” (Fig. 6) ficava rodeada de uma vasta zona de jardim, principalmente a tardoz.



Fig. 6 – Pormenor do projecto inicial e sua “planta geral”, Ventura Terra, 1910. [AMO]

No requerimento (Fig. 7) esclarece que “pretende construir a caza cuja planta vae junta, na Avenida Taborda de Magalhães, em Caxias, em terreno seu de que também junta a publica forma authenticada do titulo de aquisição, a qual destina a colónias escolares de verão”.

A construção ficou a cargo do “constructor José de Passos Mesquita” que, dando cumprimento ao “Regulamento de Segurança dos Operários, de 6 de Junho de 1895” assina o “termo de responsabilidade” (Fig. 8).

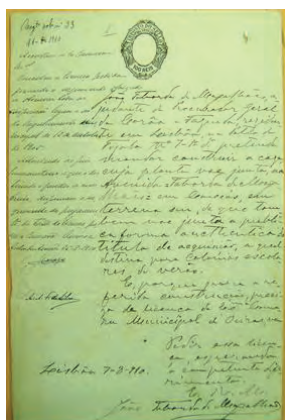


Fig. 7 - Requerimento de construção da “Colónia da Sineta”, 1910. [AMO]



Fig. 8 - Termo de responsabilidade do “constructor civil” José Passos de Mesquita”, 1910. [AMO]

³⁴ DN, 05-12-1909.

O construtor seria já conhecido de Ventura Terra, existindo por certo confiança entre ambos. Trabalharam juntos, por exemplo na construção do Teatro Politeama, em Lisboa, inaugurado em 1913: projecto de M. Ventura Terra, construção de José Passos Mesquita.

Ventura Terra terá acompanhado, de perto, a construção da colónia, a acreditar nas palavras de Tabora de Magalhães, em 1921, referindo-se a “trabalhos feitos na Casa das Colónias (...) pelo mestre de obras José de Passos Mesquita, que fora o encarregado da construção e devia receber os pagamentos só quando visados pelo seu particular Amigo o falecido Arquitecto Ventura Terra (...)”³⁵.

2.4. O terreno onde viria a construir-se a colónia

A propriedade onde Tabora de Magalhães “mandou construir uma casa apropriada, [era] um terreno que, por bondade do Conselheiro Manuel Croft de Moura, adquiriu, no sítio do Lagoal, em Caxias, concelho de Oeiras”³⁶.

Os documentos consultados, arquivados na 3.^a CRP de Lisboa e na 1.^a CRP de Oeiras, esclarecem que, em Outubro de 1905, “Manuel Croft de Moura, casado, morador em Caxias” adquirira “pela quantia de 500.000 réis, aos condes de Cuba³⁷, moradores na rua S. Filipe Nerey”³⁸ um “prédio rústico” no sítio do Lagoal, Caxias.

Terá sido logo a seguir que se deu a venda, de uma parcela, a Tabora de Magalhães, descrita como “prédio rustico que consta de um terreno com a área de 4080 m² no sítio do Lagoal, freguesia de Paço de Arcos, [que] confronta a nascente com terreno do Infantado, a sul com a Rua Croft de Moura, a poente com a Rua Tabora de Magalhães, e a norte com o terreno do Mesquita³⁹ (...)”⁴⁰. A propriedade foi adquirida, por Tabora de Magalhães, a Croft de Moura, “por 5400 réis”⁴¹.

Inicialmente, o “prédio urbano”, composto de “cave, rez-do-chão e 1.º andar (...) ocupava a superfície de 185 m² (...)”⁴².

Muitas foram as desanexações realizadas à propriedade inicial, com 4080 m². Não importa aqui referi-las. A área actual da propriedade é de cerca de 1800 m²⁴³.

3. DOAÇÃO AO “AZILO OFICINA DE SANTO ANTÓNIO DE LISBOA”, EM 1921

A doação, em 1921, da inacabada “casa construída e os terrenos circundantes” ocorreu a escassos 23 meses do falecimento de João Tabora de Magalhães. O documento está registado em livro do respectivo notário (Fig. 8).

³⁵ ADL/ANTT- “Escritura de Doação à Associação Protectora da Infância – Azilo Oficina Santo António de Lisboa”, 1921.

³⁶ ADL/ANTT- “Escritura ...”

³⁷ D. Alexandre Domingos Henriques Pereira de Faria Saldanha de Lencastre (1853-1917) e D. Maria Francisca Borges de Medeiros Dias da Câmara (1860-1945), proprietários de uma vasta quinta com casa de veraneio, em Paço de Arcos, a “Casa das Palmeiras”, projectada por José Luiz Monteiro, em 1899. Cf. ANTUNES, Alexandra de Carvalho. “A Arquitectura de Veraneio ...”. - p. 210-212.

³⁸ 3.^a CRP Lisboa – Registos de transmissões de propriedade, descrições e averbamentos.

³⁹ Então nosso cônsul em Constantinopla, segundo as palavras de Tabora de Magalhães na “Escritura de Doação à Associação Protectora da Infância – Azilo Oficina Santo António de Lisboa”, 1921.

⁴⁰ 3.^a CRP Lisboa ...

⁴¹ 3.^a CRP Lisboa ...

⁴² 3.^a CRP Lisboa ...

⁴³ ANTUNES, Alexandra de Carvalho. “A Arquitectura de Veraneio ...”. - p. 189.

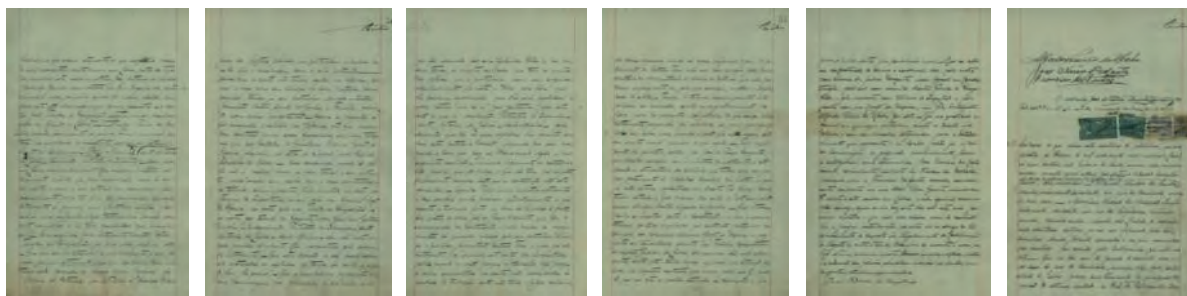


Fig. 9 – Escritura de Doação à “Associação Protectora da Infância – Azilo Oficina Santo António de Lisboa”, 1921. [ADL/ANTT]

A escritura de doação, que parcialmente transcrevemos, é rica em pormenores (sublinhado nosso):

“Saibam os que virem esta escritura que aos quatro de março de mil novecentos e vinte e um, em Lisboa, páteo do Tijolo, número sete, onde eu notário (...), com cartório na (...) vim por este meio chamado, aqui foram presentes – o Doutor João Taborda de Magalhães, solteiro, maior, desembargador da Relação da República, aqui morador, e Alfredo Pereira da Rocha, casado, comerciante na Rua da Palma, número quatorze, na qualidade de representante especial da Associação Protectora da Infância – Azilo Oficina Santo António de Lisboa, com sede em Lisboa, avenida Almirante Reis, (...)

- Em seguida pelo outorgante Doutor João Taborda de Magalhães, foi em nossa presença dito – que em seis de Setembro de mil novecentos e seis, levado por um sentimento, digo um capricho bem intencionado começou a pregar uma cruzada no “Diário de Notícias” que se intitulou “Colónias Escolares da Sineta”, pedindo aos que tivessem a bondade de a ler que o auxiliassem com a sua protecção. (...)

- Seguiu a pregação e foi crescendo o pecúlio das Colónias, até que mandou construir uma casa apropriada, em um terreno que, por bondade do Conselheiro Manuel Croft de Moura, adquiriu, no sítio do Lagoal, em Caxias, concelho de Oeiras;

- Mas convencido, agora de que lhe não é possível levar a bom termo o seu intento, malgrado seu, resolve dar a casa construída e os terrenos circundantes, (...) à “Associação Protectora da Infância – Santo António de Lisboa – Azilo – Oficina” (...);

- Que esta doação a faz para serem ali instaladas as aziladas em tempos do verão e quando bem lhe parecer;

(...)

nas seguintes condições:

- Primeira. Pagamento da contribuição predial que for devida e que lhe tem por injustificadamente lançada visto que a sua construção não está concluída;

- Segunda. Pagar uma quantia – oitocentos e doze escudos – [ao] mestre de obras José de Passos Mesquita, que fora o encarregado da construção e devia receber os pagamentos só quando visados pelo seu particular Amigo o falecido Arquitecto Ventura Terra (...);

- Terceira. Os terrenos circunjacentes não podem ser aplicados senão no engrandecimento da Caza para lhe acrescentar comodidades de que carece absolutamente, porque ela foi calculada só para quinze aziladas em cada mês quando é certo que agora são em muito maior número que aquele;

(...)

Assim, o outorgam sendo testemunhas: José Narciso da Costa, casado, comerciante, residente na Travessa do Noronha, número um, Francisco dos Santos, casado, comerciante, residente na rua Dom Pedro Quinto, número cento e vinte e oito, ambos em Lisboa, (...).

Ass. João Taborda de Magalhães

Ass. Alfredo Pereira da Rocha

Ass. José Narciso da Costa

Ass. Francisco dos Santos

Ass. O notário (...)⁴⁴

⁴⁴ Escritura de Doação à “Associação Protectora da Infância – Azilo Oficina Santo António de Lisboa”, 1921. [ADL/ANTT]



Fig. 10 – Asilo de Santo António, 1961. [AFCML]

A edificação terá sido concluída e passado a receber crianças carenciadas. Em Caxias, ainda muitos são os moradores, principalmente os anciãos, que se referem ao edifício como “o Asilo de Santo António”.

A sineta idealizada por Tabora de Magalhães e Ventura Terra (Fig. 6) nunca lá existiu. Em seu lugar há, ainda em 2011, a inscrição “ASILO DE SANTO ANTÓNIO”. O “Santo António” protector ainda em 2008 lá estava, no seu nicho. Em 2011 já não o encontramos. Terá sido recolhido quando se emparedaram os vãos (Fig. 19) – uma medida preventiva contra o vandalismo que ameaçava a bela casa da Colónia.

4. PROJECTO DE VENTURA TERRA (1910) E BREVE CARACTERIZAÇÃO ACTUAL

A peça desenhada consultada no Arquivo Municipal de Oeiras, não foi assinada pelo seu autor – Ventura Terra. Está acompanhada de “requerimento” e “termo de responsabilidade” assinado pelo “constructor civil” José de Passos Mesquita.

Dispomos dos quatro alçados, plantas dos três pisos (cave, rés-do-chão e 1.º andar), um corte transversal e ainda planta de cobertura.

4.1. Alçados

Conforme antes referido, a “Colónia da Sineta” localiza-se na Av. Tabora de Magalhães, 5, em Caxias – actualmente um privilegiado núcleo de moradias unifamiliares e de condomínios, algumas dotadas de jardins de área apreciável.

No alçado principal (Figs. 11 e 1), aquele virado a sudeste, distinguem-se dois corpos volumétricos distintos: um, de maiores vãos de janelas; e outro, recuado, que recebeu a porta de entrada e dois pequenos vãos dissemelhantes. Aliás, notamos que os cinco vãos da fachada principal têm, cada um, um tratamento distinto.

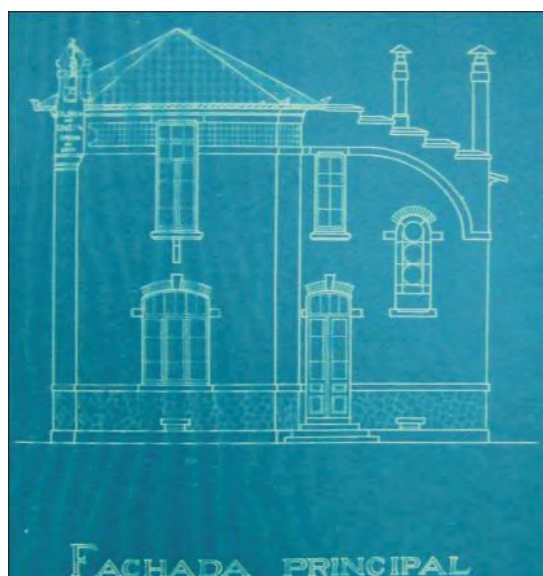


Fig. 11 – “Colónia da Sineta”, alçado principal, pormenor do projecto inicial, Ventura Terra, 1910. [AMO]



Fig. 12 – “Colónia da Sineta”, alçado lateral esquerdo, pormenor do projecto inicial, Ventura Terra, 1910. [AMO]

Maior uniformidade mereceu o alçado lateral esquerdo (Fig. 12), equilibrado e profusamente fenestrado, em que os vãos do piso térreo apresentam tipologia distinta de todos os do piso superior (Figs. 13 e 14).



Fig. 13 – “Colónia da Sineta”, pormenor do alçado lateral esquerdo, janela do piso térreo. [Foto ACA, 2008]



Fig. 14 – “Colónia da Sineta”, pormenor do alçado lateral esquerdo, janela do piso superior. [Foto ACA, 2008]

Enriquecendo todos os alçados, excepto o alçado posterior (a que foi adossado um novo volume, adulterando este belo edifício), encontramos, ainda, um singular friso azulejar de motivos florais (Fig. 15). A autoria do mesmo está ainda por confirmar. Apesar de não se enquadrar no estilo de Jorge Colaço, este artista é, de facto, um dos possíveis autores. Assim o refere Taborda de Magalhães, em carta publicada no DN a 18 de Setembro de 1906.

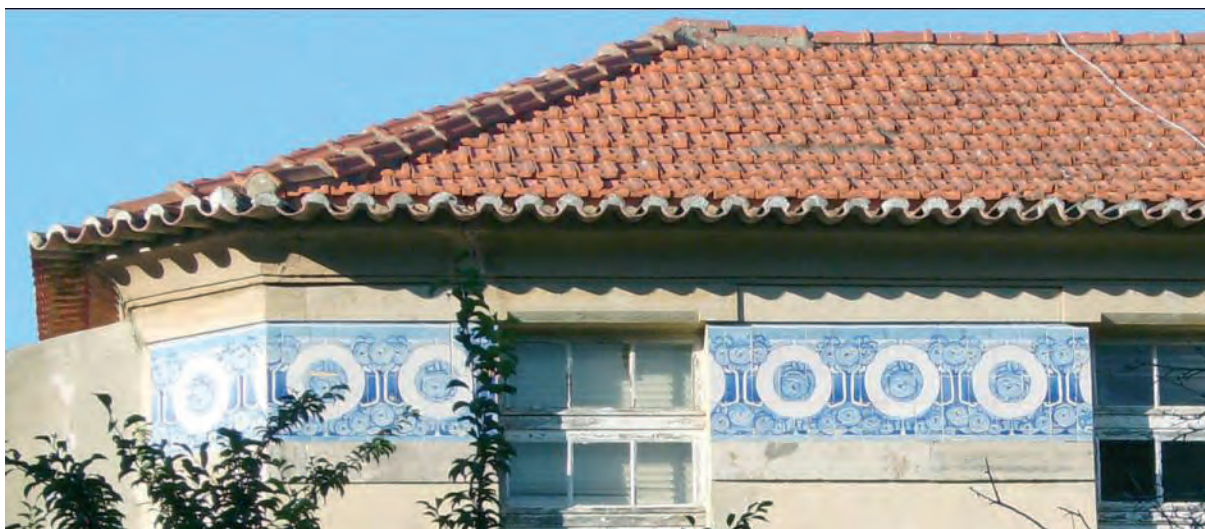


Fig. 15 – “Colónia da Sineta”, pormenor de friso azulejar, alçado lateral esquerdo. Autoria provável: Jorge Collaço. [Foto ACA, 2008]

Os vãos de janelas do alçado lateral direito (Fig. 17) não mereceram qualquer enquadramento decorativo, nem emolduramento em cantaria.

O edifício sofreu muitas alterações e algumas adulterações, desde a sua construção. Tinha um soco, alto, em cantaria rusticada que actualmente está recoberta com argamassa de cimento.



Fig. 16 – “Colónia da Sineta”, alçado posterior, pormenor do projecto inicial, Ventura Terra, 1910. [AMO]

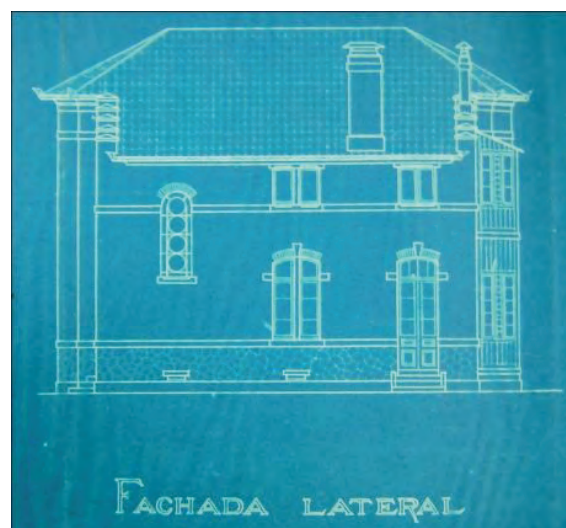


Fig. 17 – “Colónia da Sineta”, alçado lateral direito, pormenor do projecto inicial, Ventura Terra, 1910. [AMO]

4.2. Plantas

A “caza” “foi concebida para 15 aziladas”⁴⁵. A utilização a dar à cave não foi registada na planta. Já o piso térreo se destinava às refeições e ao “recreio”, dispondo de “refeitório”, “cosinha”, “copa”, “despensa” e ainda um quarto.

⁴⁵ Cf. “Doação...”, 1921.

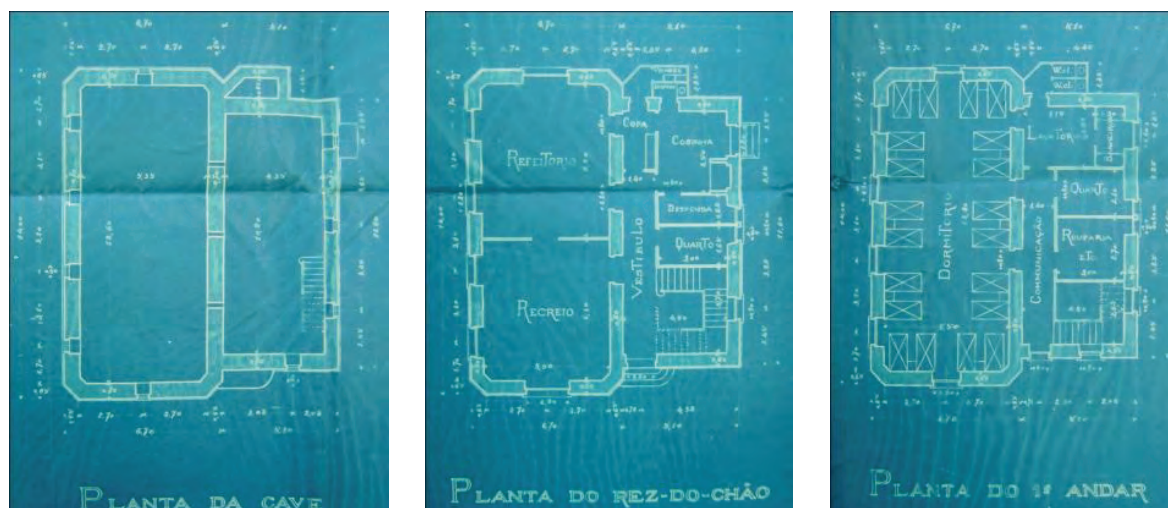


Fig. 18 – “Colônia da Sineta”, plantas dos três pisos, pormenores do projecto inicial, Ventura Terra, 1910. [AMO]

O piso elevado albergaria “dormitório” com 20 camas, “rouparia”, “w.c.”, “lavatorios” e “banheiros”.

Desconhecemos se o programa traçado por Ventura Terra se cumpriu. Estamos certos que, depois de quase um século e de ocupações distintas, a distribuição dos espaços interiores em nada se assemelhe à projectada - apresentada na Fig. 18.

5. ESTADO DE CONSERVAÇÃO E PERSPECTIVAS FUTURAS

A edificação inicial, com a área de implantação de 180 m², sofreu alterações no seu alçado posterior, recebendo um novo volume. A actual área de implantação do edifício ronda os 218 m²⁴⁶.

Em 2008, referíamos ter detectado “dano estrutural e diversas anomalias não estruturais, em acabamentos e revestimentos”, sendo o seu estado de conservação muito mau e seu grau de risco extremo⁴⁷.

São bem visíveis duas fendas verticais, uma no alçado principal (no volume esquerdo) (Fig. 19) e outra no alçado lateral esquerdo, com cerca de três metros, indo desde a cobertura até topo dos vãos do rés-do-chão.

Para a correcta definição de um adequado “Programa de Intervenção” é imprescindível a realização de uma análise integrada de estado de conservação, interior e exterior; identificando as anomalias presentes e as suas causas.

⁴⁶ ANTUNES, Alexandra de Carvalho. “A Arquitectura de Veraneio ...”. - p. 189.

⁴⁷ ANTUNES, Alexandra de Carvalho. “A Arquitectura de Veraneio ...”. - p. 190, 433.



Fig. 19 – Edifício que foi a “Colónia da Sineta”, alçado principal. [Foto ACA, 2011]

Para que esta edificação possa perdurar deverá ser urgentemente intervencionada, consolidando e reforçando a estrutura e reabilitando todos os restantes elementos.

Desejamos à antiga “Colónia da Sineta” uma intervenção profunda e correcta, como necessita e bem merece; e que seja devolvida à função “imposta” pelo “sineteiro” Taborda de Magalhães de albergue a crianças carenciadas.

Que tenha valido a pena a “cruzada”, que se honrem os donativos dos “subscriptores” e de todos os que terão contribuído para a materialização do sonho de J. Taborda de Magalhães, já lá vai um século.

SIGLAS E ABREVIATURAS

ACA - Alexandra de Carvalho Antunes

ADL/ANTT - Arquivo Distrital de Lisboa/Arquivo Nacional da Torre do Tombo

AFCML - Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa

AMO - Arquivo Municipal de Oeiras

APISAL - Associação Pró-Infância Santo António de Lisboa

CRP - Conservatória do Registo Predial

DN - Jornal Diário de Notícias

IAVO - Inventário da Arquitectura de Veraneio do Concelho de Oeiras

FONTES E BIBLIOGRAFIA

1.^a CRP Oeiras - Registos de transmissões de propriedade, descrições e averbamentos.

3.^a CRP Lisboa - Registos de transmissões de propriedade, descrições e averbamentos.

ADL/ANTT - “Escritura de Doação à Associação Protectora da Infância – Azilo Oficina Santo António de Lisboa”, 1921.

AMO - Processo de Obra, 1910.

ANTUNES, Alexandra de Carvalho. "A Arquitectura de Veraneio do Concelho de Oeiras, 1860-1925: inventário, estado de conservação e proposta de algumas medidas de salvaguarda". Tese de Doutoramento em Arquitectura. Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa. Lisboa, 2008.

"Diário de Notícias", 1906-1911.

AGRADECIMENTOS

AMO - Arquivo Municipal de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras

APISAL - Associação Pró-Infância Santo António de Lisboa